

No dia 28 de Abril seguiu para Angola – Lobito a equipa inicial da Força Aérea Portuguesa (FAP), chefiada pelo major Eurico Craveiro, com o objectivo de executar as acções preparatórias para a realização de diversos cursos de âmbito aeronáutico.

Este projecto surgiu na sequência do convite da Força Aérea

época colonial para o Aero Clube do Lobito e, em 1985, foi reactivada pela FANA para Escola de Pilotagem. Actualmente, a unidade tomou a designação de Base Aérea nº4.

A Escola do Lobito iniciou a instrução de pilotagem, em 1987, com um curso de ALIII ministrado sob a responsabilidade da firma francesa Heliunion e com a colaboração de instrutores portugueses. Entretanto, aparentemente devido a dificuldades de idioma, a Heliunion foi substituída pela empresa portuguesa Heli-serviço e esta por sua vez pela EIMASA.

Na totalidade e até 1992, ano em que cessou

a actividade de instrução de pilotagem, terão sido ministrados 3 cursos “Ab-Initio” de ALIII e 3 cursos de PC7, com cerca de 11 a 15 alunos cada. O último curso teve uma duração mais prolongada, devido a dificuldades de reposição de sobressalentes para as aeronaves. Os programas e as normas regulamentares dos cursos ministrados foram adaptados do Sistema de Instrução da Força Aérea Portuguesa.

ESCOLA DE AVIAÇÃO DO LOBITO-ANGOLA COOPERAÇÃO TÉCNICO-MILITAR



*Coronel PILAV
António Mimoso
e Carvalho*

Nacional Angolana (FANA) à Força Aérea Portuguesa para a deslocação de uma equipa à Base Aérea nº4, Lobito, em 1997. Esta missão teve como finalidade verificar as possibilidades de reactivar a instrução de pilotagem em Angola, no âmbito da Cooperação Técnico-Militar (CTM), a desenvolver sob a direcção do Ministério da Defesa Nacional/Direcção-Geral de Política de Defesa Nacional (MDN/DGPND) e em paralelo com a instru-

ção/formação que já se desenvolve em Portugal desde 1990.

Embora, inicialmente, se considerasse apenas a instrução de pilotagem, dadas as solicitações por parte das entidades angolanas, ampliou-se o âmbito do projecto a outras áreas de instrução de pessoal, como manutenção de aeronaves, controlo de tráfego aéreo, meteorologia, assistência e socorro e polícia aérea.

ANTECEDENTES

A guerra civil em Angola, que se verificou nos últimos vinte anos, trouxe a este país destruição, instabilidade, dificuldades financeiras e problemas de ordem social. Nos anos mais recentes, as Forças Armadas Angolanas (FAA) têm vindo a passar por um processo algo difícil. Desde 1992 que não se têm efectuado todos os cursos de instrução necessários à Força Aérea Nacional Angolana, o que aliado ao abandono das fileiras, por parte de muitos militares, não tem permitido a sua renovação.

O processo de paz impôs a integração e reestruturação das FAA. Neste quadro, tornou-se uma prioridade retomar a instrução na FANA, através do desenvolvimento de um projecto combinado para a reactivação da Escola de Aviação do Lobito.

A Escola, inserida na Base Aérea nº4, está localizada a cerca de 3 km a NE da cidade do Lobito. Em termos de área total e de construções, pode considerar-se como sendo uma pequena Unidade Base. É constituída pela área de movimento, um edifício principal onde se encontra a Torre de Controlo, o Comando, a Sala de Operações e o Centro de Comunicações. As infra-estruturas de manutenção de aeronaves resumem-se a um único hangar. Os edifícios destinados ao Grupo de Apoio são em número reduzido, ficando aquém das necessidades.

Aquela infra-estrutura foi construída durante a

O PROJECTO

Os objectivos da Cooperação Técnico-Militar Portuguesa incidem, em especial, no domínio da formação interna e externa, quer ao nível da instrução, quer ao nível da formação militar, assim como no apoio à organização e à eficácia das unidades de ensino militar (instrução e formação: Institutos, Academias, Centros de Instrução e Escolas de Formação Militar).

A activação deste Centro de Instrução abrange duas componentes específicas – a Pilotagem e a Formação Técnica – e insere-se no apoio à concepção dos sistemas de formação e da instrução das forças armadas, no âmbito dos programas quadro da CTM, com a seguinte ordenação e níveis de actuação/intervenção:

- Prestação de serviços através de assessoria técnica de média/longa duração;
- Formação de pessoal, localmente, através da constituição de unidades móveis de instrução, com carácter de rotatividade;
- Recuperação de infra-estruturas;



Base Aérea nº4, Lobito. Edifício do Comando e Torre de Controlo.

– Fornecimento de material de apoio à actividade aérea, instrução, didáctico e equipamentos de voo.

O objectivo deste Projecto é instalar a estrutura escolar e de apoio, ajustar os programas curriculares, desenvolver o material didáctico adequado, preparar os instrutores de voo e de académicas, assim como criar condições propícias à realização da activi-



Assinatura do Protocolo pelo CEMFANA general Pedro de Morais Neto.



Última reunião de Coordenação presidida pelo general CEMFANA, destacando-se em primeiro plano o CPESFANA tenente general Zombo Diló e o brigadeiro Carlos Couceiro do EMGFAA.

dade aérea de instrução, tendo em vista a formação de pilotos militares de qualidade reconhecida (ICAO) e brevetados segundo padrões de elevado nível de profissionalismo e orientação permanente para a prevenção de acidentes. A direcção técnica ficará a cargo do Subdirector da Direcção de Instrução da Força Aérea Portuguesa.

O projecto representa um desafio para ambas as Forças Aéreas e foi desenvolvido tendo em atenção as limitações existentes, quer relativamente às condições de trabalho, quer aos meios disponíveis actualmente na Base do Lobito e que levaram a moderar o amplo envolvimento nas diversas áreas que inicialmente se pretendia abranger.

A FILOSOFIA

O planeamento e a execução técnica destes projectos são norteados por princípios de adaptação às condições sócio-econó-

micas e militares e ajustam-se às reais necessidades e capacidades da FANA. Os parâmetros de planeamento e condições de execução foram elaborados e acordados pelas duas Forças Aéreas. O culminar de toda a actividade preparatória e de coordenação foi, em 19 de Março último, a assinatura do Protocolo Técnico pelos dois Chefes do Estado-Maior, por delegação dos respectivos Ministros da Defesa.

A filosofia subjacente ao Projecto aponta para a transferência de conhecimentos e experiências, no âmbito da instrução especializada, e para um empenhamento e apoio mútuo na concretização das diversas etapas a atingir. Neste sentido, o corpo de instrutores será constituído na sua maior parte por militares angolanos.

Dado que a quantidade e qualidade de instrutores vai depender do sistema de selecção e preparação, especial atenção foi dada a estas fases incluindo-se a introdução do regime de voluntariado e um curso de formação de instrutores no Lobito. Esta fase de selecção e preparação foi estendida ao pessoal que efectuou cursos de instrução em Portugal, concretamente aos dois primeiros pilotos angolanos brevetados em Portugal, em 1997, formados em Ciências Militares Aeronáuticas pela Academia da Força Aérea e com o Curso de Formação de Instrutores do Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea, onde receberam formação específica para a função.

O Projecto agora em implementação é limitado, numa fase inicial, às infra-estruturas e meios existentes ou que venham a ser entretanto disponibilizados pela FAP. Com o desenvolvimento da instrução, e na medida em que for obtido um maior envolvimento material e humano, por parte da FANA, é de prever um incremento significativo na sistematização da instrução e no número de alunos a formar.

A duração do Projecto não está definida dado que a estrutura de cursos preconizada é flexível e desenvolve-se por ciclos de instrução. O primeiro ciclo terá uma duração mínima de dois anos e meio, incluindo a formação dos instrutores. A repetição dos ciclos de instrução será decidida por acordo

entre os Ministérios da Defesa envolvidos.

CONCEITO DE INSTRUÇÃO

A base conceptual que fundamenta a instrução de pilotagem prevista, assim como o seu enquadramento técnico, critérios básicos, normas regulamentares e parâmetros de execução e avaliação, é a que se aplica na Força Aérea Portuguesa, com alguns ajustamentos específicos introduzidos face à caracterização da situação em que a instrução se desenvolve.

O Projecto inclui a formação de pilotos militares na fase de preparação técnica, excluindo consequentemente a formação militar básica ou geral. Os programas de instrução foram elaborados para alunos pilotos com o 12º ano de escolaridade, pelo que os candidatos foram seleccionados de acordo com esse nível, a fim de evitar a falta de aproveitamento na fase teórica e a diminuição dos valores de atracção dos programas de voo propriamente ditos.



Cessna 172 na placa do Lobito.

A instrução de pilotagem consistirá num curso elementar, seguido por outro básico, em aeronave com características próprias (brevetamento), e termina com um curso complementar nas três vertentes – helicópteros, convencionais e multimotores.

Dado que a actividade e responsabilidade pela instrução de pilotagem recai sobre a FANA, com assessoria portuguesa, e de acordo com a filosofia definida, o Projecto inclui o apoio à gestão da actividade escolar e de voo, elemento fundamental à concretização e continuidade da instrução de pilotagem.



OS CURSOS



O plano para o primeiro ciclo de instrução prevê a realização dos cursos seguintes:

- **Formação de Instrutores;**
- **Pilotagem;**
- **Assistência e Socorro;**
- **Controlo de Tráfego Aéreo (convencional);**
- **Manutenção de Aeronaves;**
- **Meteorologia;**
- **Armamento e Equipamento;**
- **Polícia Aérea.**

Com o curso de formação de instrutores de académicas e de voo, pretende-se atingir uma formação didáctica adequada que leve à aquisição de atitudes próprias junto ao aluno e a uma consciente sistematização da metodologia de ensino mais apropriada a cada um dos níveis e tipos de formação a ministrar.

A preparação dos alunos pilotos inclui uma revisão teórica, com conteúdo indispensável à sequência das matérias que constam no programa da pilotagem que se pretende ministrar.

Não foi incluída a realização de um estágio de adaptação ao voo, dado que o programa do curso prevê a actividade aérea, praticamente após a admissão dos alunos. Igualmente, o reduzi-

do número de aviões disponíveis e o conseqüente aumento da taxa de esforço necessária à inclusão deste estágio como etapa de selecção, teria um peso excessivo nos custos e não permitiria uma progressividade adequada.

A instrução inicial de pilotagem é comum, permitindo uniformidade de critérios de classificação, selecção comparativa dos pilotos, tendo em vista o tipo de aeronave mais adequada ao seu perfil e, paralelamente com o desenrolar da carreira, a possibilidade de mudança para outro tipo de aeronave (helicópteros ou aviões convencionais).

O treino em voo e no solo é integrado. Após um período de preparação teórica contínua, os alunos iniciam os voos onde vão aplicando os conhecimentos adquiridos. Em paralelo, mantém-se a instrução no solo, através de aulas vocacionadas para as disciplinas de cariz aeronáutico com recurso ao laboratório de línguas e simulador de voo.

O ciclo de instrução desenhado permitirá, segundo se espera, a aquisição de um bom nível de proficiência, e considera-se ser exequível e flexível, tendo presente a problemática dos meios aéreos. O ciclo de instrução é constituído por diversas fases/programas eliminatórios.

O brevetamento terá lugar após os alunos pilotos terminarem, com êxito, a instrução básica em qualquer das aeronaves. A conversão operacional para aeronaves específicas é efectuada, nas esquadras operacionais, após terminada a instrução complementar, não estando conseqüentemente incluída neste Projecto.



OS MEIOS



A selecção de alunos pilotos tem sido efectuada pelo Centro Psicotécnico da FANA. O pessoal a seleccionar, no âmbito deste Projecto, seguirá os procedimentos habituais dado que os resultados dos cursos anteriores tiveram um sucesso muito acei-